

Inconsciente: pulsação e memória de gozo – um estudo lacaniano¹

Éverton Fernandes Cordeiro

Mestre em Psicologia/Estudos Psicanalíticos pela UFMG; Graduado em Psicologia pelo Unileste; Psicólogo no Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM Noroeste) da Prefeitura de Belo Horizonte - MG. Professor do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG).
E-mail: evertonf.cordeiro84@gmail.com

Márcia Maria Rosa Vieira Luchina

Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; Doutora em Letras/Literatura Comparada e Mestre em Filosofia pela UFMG; Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia/Estudos Psicanalíticos da UFMG. Psicanalista, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-MG) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).
E-mail: márcia.rosa@globo.com

Resumo: Este artigo percorre a abordagem do conceito de inconsciente no ensino de Lacan dos anos 1960, durante os quais ele apresenta uma nova formulação que permite um avanço em relação à sua proposição inicial do inconsciente estruturado como linguagem. Partindo da descontinuidade e da hiância, Lacan define o inconsciente como homólogo a uma zona erógena que se abre e se fecha numa pulsação temporal. O inconsciente é formalizado, através da aliança entre o simbólico e a pulsão, entre a estrutura de linguagem e o gozo. O significante é definido como “aparelho de gozo” e não apenas como elemento estrutural da linguagem. Assim, ele se torna também aparelho produtor de entropia, ponto de perda pelo qual se tem acesso ao que está em jogo no gozo. Esta formalização terá implicações sobre a interpretação analítica, uma vez que não possibilita que esteja aberta a todos os sentidos.

Palavras-chave: psicanálise; inconsciente; pulsão; interpretação; gozo.

Inconscient: pulsation et commémoration de jouissance – une étude lacanienne

Cet article traite de l'approche du concept de l'inconscient, dans l'enseignement de Lacan, dans les années 1960, au cours de laquelle il présente une nouvelle formulation qui permet une percée par rapport à sa proposition initiale de l'inconscient structuré comme un langage. A partir de la discontinuité et de la béance, Lacan définit l'inconscient comme une espèce de zone érogène qui s'ouvre et se ferme dans une pulsation temporelle. L'inconscient est formalisé par l'alliance entre le symbolique et la pulsion, entre la structure du langage et la jouissance. Le signifiant est défini comme “appareil de jouissance” et non seulement l'élément structurel du langage. Ainsi, le signifiant est également un appareil de production d'entropie, point de perte, où on a accès à ce qui est impliqué dans la jouissance. Cette formalisation aura des répercussions sur l'interprétation analytique, puisqu'elle ne permet pas qu'elle soit ouverte à tous les sens.

Mots-clés: psychanalyse; inconscient; pulsion; interpretation; jouissance.

Unconscious: pulsation and jouissance's memorial – a lacanian study

This article covers the approach of the unconscious concept in the Lacan's teaching in the 1960s, during which he presents a new definition that allows a breakthrough in relation to his initial proposition of the unconscious structured as a language. Starting from the discontinuity and the hiatus, Lacan defines the unconscious as homologous to an erogenous zone that opens and closes in a temporal pulsation. The unconscious is formalized through of the alliance between the symbolic and the drive, between the language structure and the jouissance. The signifier is defined as “jouissance apparatus” and not only as a structural element of the language. Thus, it also makes it a device for the production of entropy, point of loss at which we have access to what is at stake in the jouissance. This formalization will have implications on the analytical interpretation, since it does not allow that is open to all senses.

Keywords: psychoanalysis; unconscious; drive; interpretation; jouissance.

O inconsciente: pulsação e memória de gozo – um estudo lacaniano

Éverton Fernandes Cordeiro & Márcia Maria Rosa Vieira Luchina

Introdução

Em seu primeiro ensino, Jacques Lacan (1901-1981) buscou formalizar o inconsciente à luz do pensamento estruturalista dos anos 1950. A partir de seu retorno a Freud, contextualizado nesse período, Lacan formula a proposição do inconsciente estruturado como uma linguagem. O estatuto do inconsciente implicava que ele fosse considerado um sistema, uma cadeia de significantes ordenada pelas regras da linguagem: a metáfora e a metonímia – duas operações constituintes do trabalho do inconsciente (Lacan, 1953/1998a; Lacan, 1957/1998c). Do primeiro ao décimo seminário podemos entrever a incidência desse pensamento no ensino de Lacan.

A partir do seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), inicia-se um período no qual a formalização das regras e do mito estrutural desse inconsciente abre caminho para um avanço em sua conceituação. Ao invés de estruturado como uma linguagem, Lacan passará a teorizar o inconsciente como máquina de pulsação, de abertura e de fechamento, na perspectiva de um inconsciente pulsional (Coelho dos Santos, 2002). Não se trata de dizer que Lacan tenha deixado de lado o inconsciente estruturado como uma linguagem. Ele relativiza o valor dessa concepção estruturalista para lançar luz a uma nova perspectiva: a do inconsciente enquanto pulsação temporal (Miller, 2003).

Através dessa nova abordagem, Lacan pretende responder às críticas, segundo as quais, ele teria dado predominância à estrutura e negligenciado a dinâmica sexual do inconsciente na experiência analítica, eludindo o princípio da essência sexual afirmado na doutrina freudiana do inconsciente (Lacan, 1964/2008b, p. 199). A tônica dada ao inconsciente estruturado como linguagem, nos anos 1950, deixava margens para pressupor que o inconsciente se encontrava numa perspectiva distanciada da pulsão. Esta última seria dominada pelo registro do inconsciente e traduzida em termos de significante (Miller, 2011; Zucchi, 2007). No *Seminário 11* Lacan vem mostrar que a dinâmica sexual do inconsciente está longe de ser perdida, pois existe uma aliança do simbólico com a pulsão com a qual o inconsciente forma uma comunidade topológica. De tal maneira que, em última instância, o inconsciente estruturado como uma linguagem encontra-se não em posição de domínio, mas em estreita conexão com o gozo. O presente estudo pretende investigar os avanços estabelecidos por Lacan no conceito de inconsciente, nos anos 1960, e de como eles respondem aos impasses teórico-clínicos com os quais ele se deparou.

Lacan (1964/2008b) busca situar o inconsciente, deduzindo dele uma topologia que desse conta da constituição do sujeito. Topologia esta da qual derivam as operações lógicas da alienação e separação, que introduzem uma ruptura com os conceitos de metáfora e de metonímia, concernentes ao seu anterior mapeamento do conceito de inconsciente (Laurent, 1997). O Outro, tecido de linguagem que antecede ao sujeito e o coagula em significantes, é também marcado por

incompletudes e inconsistências, faltas que impossibilitam que o sujeito seja inteiramente representado por ele. A estrutura de linguagem do inconsciente é descontínua e, ao mesmo tempo em que faz surgir o sujeito representado por um significante junto a outro significante, também o constitui como sujeito dividido (\$), conjunto vazio e hiante. Mediante esta descontinuidade da estrutura, a sexualidade, então, participa da vida psíquica, desfilando ao funcionamento dos significantes e conformando-se à hiância do inconsciente. É nesse campo de hiância e intervalo que marca o vazio do sujeito, que aparece o objeto perdido, o qual Lacan denomina objeto pequeno *a*: resto não integrado à linguagem, resíduo não retido pela cadeia de significantes do inconsciente (Miller, 2000). O objeto *a* testemunha um para além do inconsciente, das regras e dos efeitos de sentido da metáfora e da metonímia, uma vez que ele nos remete à ordem do vivente, do ser vivo habitado por uma pulsação que o anima (Miller, 1997).

Na esteira dessa articulação inextricável entre inconsciente e pulsão, buscou-se, também, retomar a expressão “memória de gozo” (Bernardes, 2003). Expressão não diretamente formulada por Lacan, mas que se deixa entrever nas construções por ele trazidas no seminário 17, *O avesso da psicanálise*, de 1969-1970. Através da abordagem freudiana do aparelho de memória enquanto repetição da experiência de satisfação perdida, o próprio significante será aí definido por Lacan como “aparelho de gozo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 50) e não apenas elemento estrutural da linguagem. Formulações que não são sem consequências para os impasses da interpretação analítica. Interpretação esta que, como veremos – a partir da intervenção de Lacan sobre o trabalho de seus alunos no Colóquio de Bonneval (1960) –, não se abre a todos os sentidos. O que nos aponta a necessidade de um reenvio da experiência analítica a algo que se encontra para além daquilo que se inscreve no Outro sobre o sujeito, que experimenta uma outra coisa que não os efeitos de sentido da cadeia significante do inconsciente.

1. Da estrutura de linguagem à pulsação temporal do inconsciente: um avanço

Nos anos 1950, que marcam o chamado primeiro ensino de Lacan (Miller, 2003), o conceito de inconsciente é concebido como habitado por uma estrutura simbólica. Lacan formaliza, a partir do pensamento estruturalista e linguístico, a proposição do inconsciente estruturado como uma linguagem. O inconsciente é formado por cadeias de significantes e regulado pelas leis da metáfora e da metonímia (Lacan, 1957/1998). Na metáfora, um significante se articula a outro na forma de uma substituição, de forma que um significante sintomático vem a se sobrepor a um significante recalcado. Tal substituição significante torna a significação do sintoma inacessível ao sujeito do inconsciente. Contudo, através da experiência analítica, o sintoma é passível de interpretações, de cortes e pontuações do analista, pelos quais o sujeito experimenta efeitos de sentido. Na metonímia, um significante se articula a outro por um deslizamento. O que é próprio da associação livre do sujeito, na qual há um envio de significação de um significante a outro formando uma cadeia metonímica, característica do desejo marcado pela falta, um menos de sentido. Nesse

contexto, na interpretação analítica, trata-se, para Lacan, de decifrar as manifestações do inconsciente enquanto fenômenos de linguagem. O tratamento dessas formações é, então, orientado pela ideia de que “o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada” (Lacan, 1953/1998a p. 270).

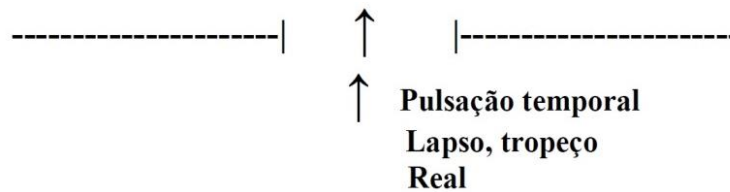
A partir do *Seminário 11*, Lacan (1964/2008b) opera um avanço conceitual na descrição do inconsciente. O inconsciente é habitado por uma pulsação, caracterizada por uma função temporal de abertura e de fechamento. Lacan (1964/2008b) se serve do termo hiância (*béance*), tornando-o propício para formalizar esse inconsciente enquanto pulsação. Tal neologismo – criado por Tomás Segovia, tradutor dos *Escritos* de Lacan para o espanhol – sugere uma descontinuidade representada por uma abertura, por uma fenda. Assim, faz parte do mesmo contexto semântico dizer que há versos hiantes onde se encontram hiatos, intervalos, vazios (Harari, 1990).

Nesse sentido, o inconsciente não é mais definido a partir das leis da linguagem, mas da hiância, do furo, da claudicação. A experiência analítica, a manifestação do inconsciente não é da ordem do automatismo dos significantes, mas da ruptura, da surpresa, da emergência do sujeito como o que perturba o significante (Miller, 2010). A soletração de Lacan (1964/2008b) do inconsciente estruturado como uma linguagem, em seu retorno a Freud, sofre, assim, uma retificação, na qual se coloca em relevo os modos de tropeço pelos quais as formações do inconsciente – o sonho, ato falho, o chiste – aparecem:

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como um achado. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente. (Lacan, 1964/2008b, p. 32)

O inconsciente se define, assim, na hiância de um intervalo, de uma fenda, onde alguma coisa, em um curto período de tempo, evade na enunciação supostamente contínua do sujeito. No processo de associação livre, algo se abre e é trazido à luz nos deslizes da fala do sujeito para logo depois se fechar. De forma que a apreensão daquilo que escapa pela fenda do inconsciente possui um caráter evanescente (Lacan, 1964/2008b). Quando o inconsciente se deixa evadir pelos furos da hiância, o estatuto do sujeito se abole, ficando em estado de vacilação. Como em um lapso, o sujeito se vê atropelado pelo significante, que deixa cair o estatuto de sua certeza cartesiana: o “eu sou o que sou”, “eu sou como sou”, “eu digo somente o que quero dizer”, “eu sei aquilo que me passa”, “quem melhor que eu para saber de mim mesmo” (Harari, 1990). Tudo isso se desmorona, quando

o aniquilamento que provoca o aparecimento do inconsciente, faz vacilar o sujeito quanto à sua certeza.



Fonte: Adaptado de Harari (1990, pp. 56-58)

Se o inconsciente é concebido como sendo da ordem dos furos da hiância, a estrutura de linguagem teria, para Lacan (1964/2008b), a função de cercá-lo. Nesse sentido, a estrutura possui um estatuto de estrutura temporal. Lacan deixa entrever, desde o início do *Seminário 11*, que a própria estrutura de linguagem está sujeita aos furos e às fendas. No entanto, sendo estrutura temporal, ela se situa enquanto ordem lógica, que visa colocar na forma de significante o real que faz mancar o sujeito e que emerge no lapso evadido pela hiância do inconsciente. De forma que a pulsão temporal motiva a inserção do significante, por meio do qual se permite ver no inconsciente os efeitos da fala sobre o sujeito. Enquanto elemento estrutural da linguagem, o significante captura o evasivo, o real que escapole, mas que se insere logo como significante quando do fechamento do inconsciente (Lacan, 1964/2008b). É por isso que Lacan, nesse contexto, refere-se ao real como da ordem de um trauma, “na forma do que nele há de inassimilável” (Lacan, 1964/2008b, p. 60).

Trauma esse a “ser tamponado pela homeostase subjetivante que orienta todo o funcionamento definido pelo princípio do prazer” (Lacan, 1964/2008b, p. 60). Essa homeostase é operada por meio da estrutura da linguagem, conferindo ao inconsciente uma qualificação significativa, um ordenamento acessível por seus efeitos de sentido e objetivável enquanto suas formações. Desse modo, a experiência analítica, nesse interim, tem por finalidade enunciar o desejo que se manifestou de modo evasivo ou que driblou a barreira da censura, reestabelecendo a continuidade daquilo que ficou descontínuo sob a forma do esquecimento, do censurado, do não dito (Harari, 1990).

2. De uma comunidade topológica entre inconsciente e pulsão: a sexualidade nos desfiles do significante

Em *Os seis paradigmas do gozo*, Miller (2000) localiza uma mudança de paradigma sobre o gozo no ensino de Lacan dos anos 1960, cujas repercussões incidem diretamente sobre o conceito de inconsciente. No primeiro momento de seu ensino, contextualizado na concepção do inconsciente estruturado como linguagem, o paradigma consistia, em suma, em mostrar a consistência e a articulação simbólica da pulsão, que se estruturaria em termos de significantes capazes de metonímia, de substituição e combinação. A pulsão seria escrita a partir do sujeito simbólico que,

neste contexto, operaria uma significantização da pulsão em termos de linguagem. Segundo Miller, o significante anularia o gozo e o restituiria sob a forma de desejo significado (Miller, 2000, p. 90). No *Seminário 11*, Lacan opera um giro teórico no qual coloca em questão uma suposta separação entre o significante e a pulsão, forjando, assim, uma estreita articulação entre o inconsciente e o gozo.

A descrição do inconsciente como hiância vem responder a essa articulação que Lacan opera entre inconsciente e pulsão. Assim, enquanto pulsação temporal, de abrir e fechar de bordas, o inconsciente é descrito "sob a forma de uma zona erógena para mostrar, agora, que há uma comunidade de estrutura entre o inconsciente simbólico e o funcionamento da pulsão" (Miller, 2000, p. 94).

Essa articulação se dá a partir do conceito de transferência, definida no *Seminário 11* como "atualização da realidade do inconsciente" (Lacan, 1964/2008b, p. 144). Quando o analisante é chamado a associar livremente, desencadeia-se no inconsciente o movimento de pulsação temporal, que se abre e se fecha, atualizando – pondo em ato (*mise en acte*) – a realidade do inconsciente. O próprio Lacan (1964/2008b), nesse contexto, qualifica seu ensino como transferencial. Segundo ele, a transferência na experiência analítica permite o acesso ao inconsciente pelos efeitos da fala sobre o sujeito, que "se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (Lacan, 1964/2008b, p. 147).

À medida que o inconsciente se atualiza na transferência, sua realidade se define enquanto realidade sexual: "A transferência é aquilo que manifesta na experiência a atualização da realidade do inconsciente, no que ela é sexualidade" (Lacan, 1964/2008b, p. 171). Nesse sentido, a sexualidade se situa nos desfiles do significante (*la sexualité dans les défilés du signifiant*), sendo, de tal maneira, "estritamente consubstancial à dimensão do inconsciente" (Lacan, 1964/2008b, p. 147). Lacan utiliza o termo francês *défilé*, traduzido para o espanhol como *desfiladero*, que tem o sentido de passagem estreita, garganta ou passo. Em português, a acepção de desfile sugere uma sucessão, um encadeamento ou desenrolamento. O que nos possibilita compreender, a partir de Lacan, que a sexualidade não somente se imiscui na sucessão dos significantes, mas também marca um espaço que dispõe intervalos, alternâncias hiantes entre os significantes (Pissetta, 2012).

Ao afirmar a realidade sexual do inconsciente, Lacan esclarece, contudo, a diferença entre a sexualidade nos campos biológico e social (Brousse, 1997). A sexualidade biológica se orienta para a reprodução ou para a necessidade do ser vivo no que concerne à transmissão da vida e da espécie. Fundamentada no estruturalismo, a sexualidade social se orienta pela busca de filiação ou aliança, na transmissão de um nome, na passagem de um significante do indivíduo a outro, fazendo introduzir o sujeito na combinatória de significantes (Brousse, 1997). Nesse sentido, ao se referir ao antropólogo estruturalista Claude Lévi-Strauss, Lacan afirma que o estruturalismo está integrado a essa realidade sexual do inconsciente, apontando para a existência de uma afinidade dos enigmas

da sexualidade com o jogo dos significantes (Lacan, 1964/2008b, p. 148-149). É neste jogo que a sexualidade se encontra articulada com a estrutura de linguagem.

À imersão do sujeito na linguagem produz, como consequência, uma barra imposta pelo significante naquilo que se refere à necessidade biológica do ser vivo, o que faz inserir o sujeito no circuito da pulsão. A pulsão é, nesse sentido, o resultado da operação do significante, da demanda do Outro sobre a necessidade do pequeno *infans*. Contudo, veremos, algo escapa a esta operação, acarretando a produção de um resto (Brousse, 1998).

Lacan (1964/2008b) distingue a pulsão do instinto, que marca o grande equívoco de tradução, na obra de Freud, do termo alemão *Trieb* (pulsão) para o inglês *Instinct* (instinto), como se os dois termos fossem iguais. Distingue-se, então, um campo dos instintos e um campo pulsional. Temos o primeiro como o campo das necessidades (*Not*), daquilo que é indispensável à autopreservação e à continuidade da espécie, e o segundo campo, o da exigência pulsional (*Bederfünis*). Os dois campos são reais, na medida em que sua fonte é o corpo, possuindo a pulsão, por sua vez, uma dimensão limítrofe de algo que se origina no corpo e alcança o psíquico (Freud, 1915/1996e). A pulsão é sempre parcial, e assim, difere da necessidade "justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão" (Lacan, 1964/2008b, p. 165). O instinto sobre o qual repousa a necessidade é, então, desprovido de erotismo, tratando-se, pois, de um real neutro, como diz Lacan, um "real dessexualizado" (Lacan, 1964/2008b, p. 182): "Que haja um real, isto não é absolutamente duvidoso. Que o sujeito só tenha relação construtiva com esse real na dependência estreita do princípio do prazer, do princípio do prazer não acossado pela pulsão" (Lacan, 1964/2008b, p. 182).

Não se trata, conforme destaca Jaanus (1997), de que o real seja desprovido de prazer, mas que o princípio do prazer, em seu estado inalterado e não acossado pela pulsão, é homeostático, não erótico, e, por isso, dessexualizado. Antes de o sujeito ser marcado pela linguagem, há um real de onde se origina o corpo, o biológico, mas que é da ordem de um instinto dessexualizado. Assim, o comer porque se tem fome é uma coisa. A fera, diz Lacan, "sai de sua cova *querens quem devoret*, e quando ela encontrou o que ela tem para morder, ela está satisfeita, ela digere" (Lacan, 1964/2008b, p. 163). De outro modo, o comer em um sonho – como Lacan vai se referir à Ana, filha de Freud, em seu sonho com torta, morangos, ovos e outras guloseimas – não se trata pura e simplesmente de necessidade: "O sonho só é possível em razão da sexualização desses objetos – pois, vocês podem notar, Aninha só alucina os objetos proibidos" (Lacan, 1964/2008b, p. 153). O "comer com os olhos" exige, então, uma satisfação que se encontra para além do campo da necessidade, pois implica erotização. É nesse sentido que a pulsão implica ser erótica. Erotismo tal que não pode ser encontrado senão na sexualidade nos desfiles do significante.

A necessidade biológica de alimento do bebê possui um objeto relacionado a ela: o leite, por exemplo. Contudo, como o bebê é atravessado pela linguagem, sabe-se que sua mãe é um ser falante. Ela é um Outro que já falou dele antes de que ele próprio nascesse e continuará a falar

depois, no tempo em que lhe fornece os objetos de sua necessidade. Por isso mesmo, o uso que ela faz dos significantes afeta a alimentação da necessidade da criança. Na condição de Outro primordial, a mãe amamenta o bebê de uma maneira específica, em determinadas ocasiões decorrentes da regulação de suas presenças e ausências. Assim, a necessidade é satisfeita, na medida em que o pequeno humano lidou com a demanda do Outro. É nesse sentido que a pulsão se torna uma consequência da articulação da demanda do Outro na linguagem. Esta demanda, sendo originária da articulação significativa, não corresponde à necessidade biológica (Brousse, 1998). Algo escapa dessa correlação entre necessidade e demanda, e está relacionado ao campo do desejo que, tal como Lacan se refere, é "o ponto nodal pelo qual a pulsação do inconsciente está ligada à realidade sexual" (Lacan, 1964/2008c, p. 152). Sendo assim, Lacan mostra como o desejo se situa na dependência da demanda. Esta demanda,

[...] por se articular em significantes, deixa um resto metonímico que corre debaixo dela, elemento que não é indeterminado, que é uma condição ao mesmo tempo absoluta e impagável, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido, elemento que se chama desejo. É isto que faz junção com o campo definido por Freud como o da instância sexual, no nível do processo primário. (Lacan, 1964/2008b, p. 152)

No ponto em que, no inconsciente, a sexualidade se inscreve nos desfiles do significante, Lacan retoma a aliança entre o significante e o gozo. Isso se torna necessário para mostrar que o gozo não está em excesso em relação ao simbólico, que haveria de significantizá-lo na linguagem, mas sim conexo ao funcionamento dos significantes. Para Lacan, existe algo em comum no funcionamento do corpo do vivente e no inconsciente estruturado como linguagem, de modo que a pulsão forma com o inconsciente uma comunidade topológica. Os dois lugares (*topos*) – inconsciente e pulsão –, funcionam ao modo de uma pulsação, de forma que se pode dizer que o inconsciente é homólogo às zonas erógenas do corpo, onde a pulsão opera por sua estrutura de borda. Estas bordas funcionam em termos de abertura e fechamento (Harari, 1990). Assim, enquanto hiância e pulsação temporal, o inconsciente consiste, diz Lacan, naquilo em "que algo no aparelho do corpo é estruturado da mesma maneira", sendo "em razão da unidade topológica das hiâncias em jogo, que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente" (Lacan, 1964/2008b, p. 178).

3. Das faltas existentes na relação entre sujeito e Outro: o objeto *a*

Lacan introduz um esquema topológico com o intuito de dar conta da constituição do sujeito. Em primeiro lugar, ele opõe dois campos em relação à entrada do inconsciente: o campo do ser, onde também situa o sujeito, e o campo do sentido, lugar do Outro. Lacan define o campo do Outro como o "lugar em que se situa a cadeia significativa que comanda tudo o que vai poder presentificar-

se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (Lacan, 1964/2008b, p. 200). Assim, o sujeito não existe senão na medida em que, no campo do Outro, surge o significante. Campo do sentido, portanto, ele próprio também representado pela cadeia significante ($S_1 \rightarrow S_2$). Desse modo, o sujeito não é substância, e sim efeito de um significante que representa o sujeito para outro significante. Sua essência, diz Lacan, “é de marcar esse tempo pelo qual, por nascer com o significante, o sujeito nasce dividido” (Lacan, 1964/2008b, p. 194).

O Outro é a primeira causação do sujeito, de modo que, “se o pegamos em seu nascimento no campo do Outro, a característica do sujeito do inconsciente é de estar, sob o significante que desenvolve suas redes, suas cadeias e sua história, num lugar determinado” (Lacan, 1964/2008b, p. 204). Sendo assim, antes da submissão do sujeito ao Outro não haveria sujeito. De tal forma que se poderia supor que, nessa anterioridade ao Outro, o sujeito seria um nada, um conjunto vazio, um sujeito por vir, “mas que apenas aparecido, se coagula em significante” (Lacan, 1964/2008b, p. 194). No entanto, a não existência do sujeito antes do Outro não quer dizer que não exista nada. Lacan chama a atenção para a existência de algo situado previamente ao Outro, e que é da ordem do ser vivo. Algo que só se torna sujeito quando, chamado ao campo do Outro, se coagula em significante. Lacan quer mostrar como o sujeito, enquanto efeito de linguagem e de fala, encontra-se relacionado ao ser vivo. Trata-se, portanto, de ligar esse sujeito sem substância ao gozo do ser, “única substância em jogo na psicanálise” (Soler, 1997, p. 57).

Nota-se que Lacan situa em um mesmo lugar o sujeito e a pulsão: “é do lado desse vivo [do ser], chamado à subjetividade, que se encontra manifesta essencialmente a pulsão” (Lacan, 1964/2008b, p. 200). Sabemos, com (Freud, 1915/1996e), que uma das características da pulsão é não pode ser representada em sua totalidade. Ela é parcial e não há objeto específico de seu alvo, aquilo em relação ou através do qual a pulsão atinge sua finalidade, uma vez que o objeto é o que tem de mais variável na pulsão. Também, no que tange à sexualidade, esta não se apresenta no psiquismo em sua vertente reprodutiva ou biológica. Há um logro nessa tentativa, uma vez que, “no psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea” (Lacan, 1964/2008b, p. 200). Assim, o caminho da constituição do sujeito e da partilha dos sexos como homem ou mulher compete ao campo do Outro, com quem o sujeito “tem sempre que aprender, peça por peça” (Lacan, 1964/2008b, p. 200). A pulsão parcial não representa no psiquismo senão as consequências da sexualidade, que se articula ao inconsciente – este é ponto crucial – através da relação do sujeito com a falta.

Lacan traça duas dimensões dessa falta, que se recobrem: a falta simbólica e a falta real. A primeira refere-se àquela que é da ordem de um defeito central no Outro. Longe de possuir uma plenitude compacta, portadora de todas as significações e sentidos para o sujeito, a cadeia significante, inscrita no lugar do Outro, contém rupturas, falhas, que marcam o Outro como o lugar da falta. Assim, se o advento do sujeito “depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro” (Lacan, 1964/2008b, p. 201), o próprio sujeito perde alguma coisa em sua

constituição. Existe, então, um resto nessa operação que tem a ver com o ser, com o corpo do vivente não marcado pelos significantes. Ou seja, trata-se daquilo que não foi nomeado pelo significante no processo de constituição do sujeito, mas que o anima e que o define do ponto de vista pulsional. Essa falta simbólica, esse defeito central, refere-se, portanto, à impossibilidade de o sujeito ser inteiramente representado no campo Outro (Laurent, 1997). Assim, se o que está em jogo para o sujeito do inconsciente na sua relação com o Outro é responder à questão de seu ser (Soler, 1997), no seu advento ao campo da linguagem, o sujeito perde o seu ser para se encontrar na incerteza do fato de ser dividido (\$). De modo que, “pelo efeito de fala, o sujeito se realiza sempre no Outro, mas ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo. Ele só achará seu desejo sempre mais dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala” (Lacan, 1964/2008b, p. 184).

O caráter parcial das pulsões vem introduzir essa falta simbólica, que marca o sujeito como dividido (\$) entre a cadeia $S_1 - S_2$. A isso vem se ligar a outra falta destacada por Lacan: a falta real, anterior ao próprio sujeito, ligada ao surgimento do ser vivente pelo tipo de reprodução sexuada. Nos seres assexuados – como a ameba – a reprodução se dá por processo de cissiparidade, que não envolve os gametas masculinos e femininos. Por meio de uma auto reprodução, eles podem se perpetuar vivos e invariáveis na espécie, apresentando, desse modo, um caráter de imortalidade. À diferença dos assexuados, a reprodução sexuada necessita da união dos gametas de dois progenitores – macho e fêmea – para a formação de um ser vivo. Há, neste caso, não uma invariância, mas uma perda pelo ser vivo de sua parte de vivo de forma que os progenitores são projetados para a morte. Isso aponta para a existência de algo mortal no campo da sexualidade (Harari, 1990), falta real, portanto, uma vez que “ela se reporta a algo de real que é o que o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual” (Lacan, 1964/2008b, p. 201).

Decorre dessa constatação a crítica de Lacan da busca de complemento no outro enquanto metade sexual que vem complementar o ser no amor, calcada no mito de Aristófanes² sobre a divisão originária dos seres humanos (Platão, 1991, p. 60). A experiência analítica, ao contrário, substitui a procura pelo sujeito “não do complemento sexual, mas da parte para sempre perdida dele mesmo, constituída pelo fato de ele ser apenas um vivo sexuado, e não mais ser imortal” (Lacan, 1964/2008b, p. 201). Para Lacan, o objeto *a* constitui essa parte perdida do sujeito que ele procura encontrar no amor. Trata-se de um objeto privilegiado, do qual o sujeito se separa em uma automutilação (Lacan, 1964/2008b, pp. 66-67; Lacan, 1964/2008b, p. 255), para poder se constituir, deixando cair algo de si. Automutilação que implica que uma parte do corpo se desprenda, caia e seja cedida. Nesta queda, evoca-se a falta, encarnada pelo objeto *a*, objeto da pulsão.

Sabemos que foi a partir da leitura de Freud que Lacan elencou os quatro objetos que caracterizam as pulsões parciais: a pulsão oral (seio), a pulsão anal (fezes), a pulsão escópica (olhar) e a pulsão invocante (voz). Cada pulsão tem, além de seu objeto, a sua respectiva zona erógena localizada no corpo em forma de borda. Zonas de privilégio, nas quais predomina a estrutura de hiância, a abertura e o fechamento, que “marcam a presença prevalente de certos orifícios, onde a

experiência do inconsciente e a zona erógena têm em comum esta condição hiante” (Harari, 1990, p. 114). Entretanto, vale ressaltar que o objeto *a* não se refere àquilo que a psicanálise anglo-saxônica, encabeçada pelos discípulos de Karl Abraham, denomina de relações de objeto – relação oral, anal, entre outras. Trata-se, antes, da relação do sujeito com a falta de objeto. Freud, em sua análise do Homem dos Lobos vai se referir a um protótipo da castração, o ato de ceder as fezes em favor do outro como sendo uma primeira ocasião na qual um indivíduo “partilha um pedaço do seu próprio corpo com a finalidade de ganhar os favores de qualquer outra pessoa a quem ame” (Freud, 1918/1996f, p. 92). No mesmo texto, ao fazer da equação simbólica fezes = bebê = pênis, Freud também faz referência a “uma unidade, um conceito inconsciente [...], conceito de um ‘pequeno’ que se separa do corpo de alguém” (Freud, 1918/1996f, p. 92). Não é demais lembrar que a castração não ocorre no real do órgão peniano, mas se refere a algo definido a partir do simbólico, da dialética do ter e do não ter, propiciados pela ameaça de castração (Freud, 1924/1996h). O objeto *a*, relaciona-se, portanto, a uma perda e a uma tentativa de reencontro com isso que se perdeu. Relação que não é com algo novo, mas que se realiza sempre sobre a marca ou traço de um objeto constituído como perdido (Harari, 1990).

4. “o sujeito experimenta, nesse intervalo, uma Outra coisa a motivá-lo que não os efeitos de sentido” (Lacan, 1960/1998d, p. 858).

Ao traçar os dois campos e elencar as duas faltas relacionadas à constituição subjetiva, Lacan distingue e articula dois tipos de identificação do sujeito: uma em que o sujeito se identifica por representação entre dois significantes no campo do Outro – a alienação; e outra em que o sujeito se identifica com o objeto – separação (Coelho dos Santos, 2016). A partir das operações de alienação e separação, Lacan mostra como o sujeito é efeito da cadeia significante e como a própria operação simbólica revela o gozo do objeto perdido (Zucchi, 2007). Um passo de avanço que Lacan opera pode ser notado no momento em que ele deixa de articular o inconsciente somente com a estrutura de linguagem, fundada a partir de um corte linguístico, para articulá-la agora com uma função topológica de borda, na qual “a relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância” (Lacan, 1964/2008b, p. 202).

A alienação se refere ao momento em que o sujeito, conjunto vazio, ao se constituir como efeito de linguagem, identifica-se e se aliena aos significantes tomados do campo do Outro. Entretanto, como o ser do sujeito não pode ser totalmente coberto pelo sentido dado pelo Outro – pois sempre há uma perda, um defeito central constituinte da falta simbólica –, fica instaurada uma espécie de batalha decisiva entre a vida e a morte, entre o ser do sujeito ou do sentido. Assim, opera-se uma exclusão: se o sujeito escolhe o ser, ele perde o sentido, mas, se escolhe o sentido, perde o ser e se desvanece em significantes. Lacan nomeia esse desvanecimento com o termo *afânise*, não do desejo – como propôs Ernest Jones –, mas, no sentido de um *fading*, de um desaparecimento enquanto sujeito. Portanto, a alienação trata de uma escolha forçada que tem na

união lógica uma operação subjacente que comporta que, independente de qual escolha, sempre se perde, tendo por consequência um “nem um, nem outro” (Lacan, 1964/2008b).

Ao escolher forçadamente o sentido, que advém do campo do Outro pelo significante que faz surgir o sujeito de sua significação, o ser do sujeito é eclipsado, desaparece frente ao significante que faz surgir o sujeito, mas também o petrifica como S_1 , um significante unário. De forma que, num primeiro momento, o significante funciona “reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o” (Lacan, 1964/2008b, p. 203). No entanto, é preciso que, a um só tempo, o significante opere em um movimento que leve o sujeito a funcionar, “a falar, como sujeito” (Lacan, 1964/2008b, p. 203). O sujeito petrificado, que não fala, mas que “isso fala dele”, agora faz apelo ao Outro sobre o sentido de seu ser. Este sentido requer um segundo significante (S_2) que forneça ao primeiro (S_1) uma significação (Lacan, 1960/1998d). Assim, falar de divisão do sujeito é, justamente, referir-se ao sujeito como efeito de uma estrutura binária da cadeia significante, $S_1 - S_2$. Essa primeira articulação nos permite, então,

[...] conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a afânise do sujeito. Onde, divisão do sujeito – quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading*, como desaparecimento. Há então, se assim podemos dizer, questão de vida e morte entre o significante unário e o sujeito enquanto significante binário, causa de seu desaparecimento. O *Vorstellungsrepräsentanz* [representante da representação] é o significante binário. (Lacan, 1964/2008b, p. 213)

Por sua vez, a separação representa a intersecção entre o sujeito e o Outro, entre o ser e o sentido. O sujeito é constituído como faltoso: primeiramente, falta-lhe um significante no Outro que dê conta de seu sentido e, em seguida, falta-lhe o gozo decorrente da parcialidade das pulsões (Coelho dos Santos, 2016). Entretanto, é necessário que este sujeito queira se separar da cadeia significante originada do campo do Outro à qual se encontra sujeitado. Diferentemente da alienação, cujo destino vacila entre a petrificação e o sentido, a separação é da ordem do querer, que a experiência analítica torna possível. Como diz Lacan, “é por isso que ele [sujeito] precisa sair disso, tirar-se disso, e no *tirar-se disso*, no fim, ele saberá que o Outro real tem, tanto quanto ele, que se tirar disso, que se safar disso” (Lacan, 1964/2008b p. 184). A separação, então, supõe essa vontade de sair, apoiada numa vontade de saber o que se é para além daquilo que o Outro diz. Assim, para além do que se inscreve nos significantes que o representam para o Outro, o sujeito “experimenta nesse intervalo, uma Outra coisa a motivá-lo que não os efeitos de sentido” (Lacan, 1960/1998d, p. 858).

“O que eu sou no desejo do Outro?” é a questão central que traz o sujeito ao ponto da separação. No entanto, a resposta a esta questão não pode ser encontrada no Outro. Neste, só se capturam os significantes conhecidos pelo sujeito em seu processo de alienação e, também, a falta, o vazio. Vazio que é esse ponto de intervalo entre os significantes, que se repete e constitui a “estrutura mais radical da cadeia signifiante, (...) o lugar assombrado pela metonímia, veículo, ao menos como o ensinamos, do desejo” (Lacan, 1960/1998d, p. 858). Portanto, existe “Outra coisa” que se situa, não na ordem do sentido, mas na ordem do ser, no campo da pulsão, em última instância, no campo do gozo, que responde à questão daquilo que o sujeito é para além do signifiante. De modo que,

[...] o intervalo, intersecção ou vazio entre sujeito e Outro não é tão vazio quanto parece, mas é uma lacuna onde alguma coisa entra. É o objeto *a*, na medida em que o objeto *a* não é sempre de ordem lógica, mas tem também uma consistência corpórea, e também na medida em que o objeto *a* é um *plus de jouir*, como diz Lacan: um gozo a mais. (Soler, 1997, p. 65)

Uma vinheta clínica de Laurent (1997) ilustra como um menino, nomeado pelo Outro como “menino mau”, é representado como tal em relação ao ideal de sua mãe. O “menino mau” opera, assim, como um signifiante-mestre que funciona para o sujeito como uma linha mestra durante toda a sua vida. O sujeito se situa nesse lugar de “menino mau” e se comporta como tal, em uma identificação que o petrifica nesse signifiante-mestre.

Isolada uma das identificações do sujeito pela qual ele se encontra alienado ou petrificado, faz-se necessário encontrar a “Outra coisa” que acompanha o sujeito nessa identificação, qual seja: aquilo que traz algum gozo por detrás desse signifiante “menino mau”. Isso quer dizer que, além de ser da ordem do signifiante, por também ser sexuado, enquanto “menino mau” o sujeito experimenta “Outra coisa”, obtendo algum gozo em relação a esse signifiante que não apenas um sentido. Há um resto concernente ao objeto em jogo na fantasia que proporciona ao sujeito gozar desse signifiante. O objeto constitui a outra parte do sujeito, um segundo modo de definir sua falta, parte perdida pela qual ele se constitui. Nesse caso, o sujeito tenta inscrever no texto de sua fantasia uma representação do gozo no interior do Outro, tentando definir a si próprio por meio dessa fantasia, cuja fórmula pode ser escrita como $\$ \diamond a$ (Laurent, 1997). A escritura da fantasia não concerne ao fato de que o sujeito esteja confrontado a um objeto, mas permite compreender de que modo o objeto “é o lugar-tenente do próprio sujeito; é o próprio sujeito como parte amputada de si. Ele não está defrontado – como se fosse uma dimensão referida a um outro distante e distinto – senão que o sujeito chega a ser esse objeto *a*” (Harari, 1990, p. 20). A dimensão do sujeito enquanto efeito de sentido e de gozo não será, como veremos, sem consequências para a interpretação analítica, segundo o ensino de Lacan dos anos 1960.

5. A interpretação não se abre a todos os sentidos: considerações de um colóquio sobre o inconsciente

Com a discussão sobre as categorias da constituição do sujeito, Lacan pretende fazer um mapeamento do percurso de um tratamento analítico, do qual se podem derivar implicações para o manejo da interpretação (Laurent, 1997). Desse modo, no *Seminário 11*, Lacan nos reporta à discussão ocorrida no VI Colóquio de Bonneval, de 1960, coordenado por Henri Ey e dedicado ao tema do inconsciente freudiano. Dentre psiquiatras, filósofos, psicólogos e psicanalistas, encontravam-se presentes Lacan e dois de seus alunos, Serge Leclaire e Jean Laplanche. Estes últimos apresentaram um artigo intitulado "O inconsciente: um estudo psicanalítico" (Laplanche & Leclaire, 1960/1969). Por meio deste trabalho, os autores desejavam demonstrar como uma análise do inconsciente poderia ser elaborada segundo as teses lacanianas até então formuladas. Entretanto, o artigo manifestou uma divergência entre os autores. E Lacan, por sua vez, apresentou uma discussão crítica sobre o mesmo artigo em um texto que se encontra publicado sob o título "Posição do inconsciente no Colóquio de Bonneval" (Lacan, 1960/1998d).

Os discípulos de Lacan tomaram uma posição contrária à proposta de seu mestre, no que se refere à afirmação radical de Lacan sobre a estrutura do inconsciente como linguagem. Para eles, o inconsciente estaria no lado oposto ao da linguagem, de modo que a linguagem seria característica do processo secundário, relacionado ao sistema pré-consciente. Assim, disseram: "Freud falou explicitamente da linguagem, mas o que ele põe em relação com a linguagem é essencialmente o pré-consciente e o processo que o caracteriza: o processo secundário que precisamente opõe seus diques e subterfúgios ao livre jogo da energia libidinal" (Laplanche & Leclaire, 1960/1969, p. 136). Isso implicava dizer que não é a linguagem a condição do inconsciente – tese de Lacan –, mas "o inconsciente é a condição da linguagem" (Laplanche & Leclaire, 1960/1969, p. 136), desencadeando assim a polêmica do Colóquio.

O comentário de Lacan que se seguiu à exposição de seus alunos vem, ao contrário, reafirmar sua tese inicial de que o inconsciente é estruturado como linguagem: "o inconsciente é aquilo que dizemos, se quisermos ouvir o que Freud apresenta em suas teses", reitera Lacan (1960/1998d, p. 844). Ou ainda: "O inconsciente é um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito [...], não é uma espécie que defina na realidade psíquica o círculo daquilo que não tem o atributo (ou a virtude) da consciência" (Lacan, 1960/1998d, p. 844). Lacan desloca a equivocada concepção da linguagem relacionada à consciência, para situá-la em relação ao lugar do Outro como causação do sujeito: "não podemos deixar de incluir nosso discurso sobre o inconsciente na própria tese que o enuncia, a de que a presença do inconsciente, por se situar no lugar do Outro, deve ser buscada, em todo discurso, em sua enunciação" (Lacan, 1960/1998d, p. 848).

Lacan (1964/2008b) faz referência ao caso clínico de Philippe, relatado por Leclaire no artigo do Colóquio: um neurótico obsessivo de aproximadamente trinta anos que sonha com um unicórnio (*licorne*, em francês), sonho do qual Leclaire extrai uma série de interpretações a partir de três lembranças da infância do paciente. Isolam-se os significantes – os termos Lili, praia, areia, *licorne*, dentre outros – trazidos pelo texto manifesto do sonho e pelas associações do paciente, constituintes dos elementos da cadeia inconsciente a ser interpretada. Assim, descobre-se o desejo de Philippe, complexo à interpretação analítica e composto por representações heterogêneas, que parecem resumir o edifício singular que constitui o que Laplanche e Leclaire (1960/1969) denominam “fantasia-monumento do desejo do paciente” (Laplanche & Leclaire, 1960/1969, p. 134).

Os sintomas de Philippe estariam ligados ao fato dele ter sido definido como “pobre” – “*Pauvre Philippe*”. Assim era o modo como sua mãe sempre o nomeava. Leclaire assinala uma ligação entre os significantes *pauvre* (pobre) e *licorne*, a partir da ênfase sonora das letras *au* (o) de *pauvre* (pobre) e do *o* da palavra *licorne*. Demonstra ainda que era ao som de “*pauvre Philippe*”, ligado à voz da mãe que o embalava, que o paciente foi adormecido no momento em que se seguiu o sonho com o unicórnio. Leclaire interpreta o unicórnio enquanto representação do falo materno e, ao mesmo tempo, a recusa de Philippe da castração materna, garantindo, por meio do sonho, que a mãe não era pobre, mas viril, do ponto de vista fálico, assim, representada pelo chifre do unicórnio (Laurent, 1997). Do ponto de vista do sentido, Leclaire faz uma conexão entre o sintoma obsessivo de Philippe e o sonho central, extraíndo uma cadeia de letras definidora do sujeito em questão. Isola-se *Poôr (d) J'e – Li (Poordjeli)* a partir do nome do paciente, *Philippe Georges Elhuyani*, “nome que ilustra de um golpe o parentesco essencial entre o fantasma fundamental e o nome do sujeito” (Laplanche & Leclaire, 1960/1969, p. 201). Na sequência das letras se incluem “pobre Philippe”, o eu “*je*” do sujeito e o “*li*” de *licorne*, Lili, Philippe e *lit* (leito). Enfim, todos esses termos podiam ser incluídos e absurdamente justapostos nessa cadeia de significantes-mestres que definiriam a vida do paciente (Laurent, 1997).

Para Lacan, a intervenção de Leclaire, ao isolar a sequência absurda de significantes advinda da *licorne*, não se tratava de discutir a relação do paciente com sua dependência de sentido como fora colocado pelo aluno. Trata-se, antes, de mostrar o “caráter irreduzível e insensato da cadeia de significantes” (Lacan, 1964/2008b, p. 207). De modo que, o que para Leclaire constituía o fim do processo de interpretação, para Lacan trata-se apenas do início, do prelúdio.

A alienação tem por consequência que a interpretação não tem de modo algum sua última instância no fato de ela nos fornecer as significações da via onde caminha o psíquico que temos diante de nós. Esta importância é apenas o prelúdio. A interpretação não visa tanto ao sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito. (Lacan, 1964/2008b, p. 207)

Assim, uma vez que se isolam os significantes-mestres na vida do sujeito, Lacan nos chama a atenção para nos atermos a uma outra dimensão. Dimensão esta que se refere ao modo pelo qual o sujeito define a si mesmo. Esta definição não se dá somente pela lógica do sentido, mas pelo que há de remanescente da operação fálica: os objetos da pulsão parcial, o objeto *a*, enquanto logicização do objeto alvo da pulsão parcial (Laurent, 1997). Trata-se, portanto, de saber “em que campo se passa as diferentes coisas com as quais temos que nos haver no campo da análise” (Lacan, 1964/2008b, p. 239), a saber: no nível de um primeiro campo as coisas do *Ich* (*id*, isso), que demarca o campo pulsional; e as outras, distintas do primeiro, que ocorrem no campo do Outro, nos efeitos de sentido da cadeia significante do inconsciente. Dá-se um passo a mais no campo da experiência analítica, na medida em que o sujeito precisa ser conduzido através de um outro labirinto que não se trata daquele de suas identificações, mas o de seus modos de gozo, no nível das pulsões (*Ich*), pelos quais o sujeito transforma o outro que ama em um objeto de gozo, causa de seu desejo (Laurent, 1997).

Naquele contexto de predominância da metáfora e da metonímia na teorização do inconsciente estruturado como linguagem, Laplanche (Laplanche & Leclaire, 1960/1969) também ressaltou que, se a metáfora é produzida pela substituição de um significante por outro, e a metonímia constitui a ligação dos significantes em um mesmo nível, qualquer efeito de sentido produzido na fórmula poderia ser admitido. Desse modo, um caminho estava aberto ao *meaning of meaning* sem restrições em relação às funções da metáfora e da metonímia na interpretação analítica. Lacan considera equivocada essa forma com que seus alunos trataram a metáfora no referido artigo. Tal esquema, segundo eles,

[...] vem ilustrar essa passagem de maneira surpreendente: ao nível da linguagem pré-consciente, a distinção do significante (as palavras) e do significado (as imagens) existe. Ao nível da linguagem inconsciente, não existe senão imagens, a um tempo e indissolavelmente em função de significantes e de significados. Num sentido, pode-se dizer que a cadeia inconsciente é puro sentido, mas pode-se dizer também que ela é puro significante, puro não-sentido, ou então aberta a todos os sentidos. (Laplanche & Leclaire, 1960/1969, p. 143)

A respeito desse equívoco, Lacan novamente chama a atenção ao afirmar que é falso dizer que todas as interpretações são possíveis, que a interpretação estaria aberta a qualquer sentido “sob pretexto de que só se trata da ligação de um significante a um significante e, conseqüentemente, uma ligação louca” (Lacan, 1964/2008b, p. 242). Ao contrário, ele reitera: “a interpretação não está aberta a todos os sentidos” (Lacan, 1964/2008b, p. 242). Há um núcleo, um caroço (*kern*), enquanto um significante isolado (S_1) em seu sentido mais profundo e separado do sentido advindo do

significante binário ($S_1 - S_2$). Assim, Lacan se refere não ao fato de que a interpretação seja ela mesma um não senso, mas trata-se de uma significação que tem por efeito fazer surgir um significante irreduzível. Faz-se necessário interpretar no nível dos significantes, mas esta interpretação não está aberta a todo e qualquer sentido – a um *meaning of meaning* –, pois ela é sempre uma significação aproximada: “o que está lá é rico e complexo quando se trata do inconsciente do sujeito, e destinado a fazer surgir elementos significantes irreduzíveis, *non-sensical*, feitos de não-senso” (Lacan, 1964/2008b, p. 242-243).

O trabalho de Leclaire sobre “o sonho da *licorne*” ilustra que a interpretação do inconsciente caminha para o não senso dos significantes. Quando Leclaire fornece, a propósito de Philippe, a fórmula *Poordjeli*, fazendo conexão entre duas sílabas da palavra *licorne*, ele introduz em sua seqüência toda uma cadeia em que se anima, em que se torna vivo o desejo do sujeito (Laurent, 1997). Isso aponta para algo que vai mais longe, para além do sentido dos significantes, em que se conclui que a interpretação não está aberta a todos os sentidos. Ela é uma interpretação de sentidos que não deve faltar, mas, como conclui Lacan, “isto não impede que não seja essa significação que é, para o advento do sujeito, essencial. O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado” (Lacan, 1964/2008b, p. 243).

6. Inconsciente: saber e memorial de gozo

A dimensão de não senso dos significantes, que delinea os limites da interpretação analítica, reverberará em todo o percurso do ensino de Lacan, principalmente, a partir do final dos anos 1960 e início de 1970. No seminário 17, *O avesso da psicanálise*, tal temática se acentua quando se pode notar uma nova abordagem do discurso em estreita relação com o gozo. O discurso não mais será referido por Lacan à dimensão de enunciação³, de transindividualidade, ou relacionado à palavra ou à linguagem, como ele o propusera nos anos 1950. O discurso, agora, concernirá ao laço social enquanto efeito radical da linguagem, onde as enunciações se inscrevem. Trata-se de “um discurso sem palavras” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 11), que subsiste sem palavras, uma vez que as palavras só se organizam em certas relações fundamentais instauradas pela linguagem e sem a qual elas não poderiam se manter. O instrumento da linguagem, então, cria essas relações estáveis no interior das quais se inscreve algo mais amplo que vai além das enunciações efetivas: “os discursos em apreço nada mais são do que articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem [a palavra] em seguida alojar-se neles” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 177).

Assim, na formalização dos discursos, Lacan toma como ponto de partida a articulação significante. Um significante primeiro (S_1), ao intervir no campo já estruturado de um saber – o significante S_2 – tem como efeito o sujeito dividido ($\$$), “na medida em que representa esse traço específico, a ser distinguido do indivíduo vivo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 12). Fato estreitamente

ligado ao que Lacan começara a formalizar no *Seminário 11*, evidenciando as consequências de que, ao emergir o sujeito como efeito de linguagem, algo se produz enquanto perda e cai enquanto resto – objeto *a*.

No *Seminário 17*, Lacan (1969-1970/1992) situa o matema do discurso do mestre como a matriz para os outros três discursos propostos por ele: discurso da histórica, discurso universitário e discurso do analista. Utiliza-se dos quatro termos já introduzidos – S_1 , S_2 , *a*, $\$$ – situando-os em quatro lugares com funções fixas:

agente → trabalho
verdade produção

Fonte: Lacan (1970/2003, p. 447)

A composição dos outros discursos, a partir do discurso do mestre, dar-se-á por esses lugares fixos numa permutação circular e ordenada dos termos no sentido horário. Interessa-nos nessa discussão ressaltar que o discurso do mestre é formalizado na articulação de um significante (S_1) a outro (S_2), do inconsciente. O S_1 , significante mestre, é aquele que está no comando, o agente, o que representa o sujeito para outro significante, S_2 . Este último, denominado saber, constitui o lugar onde os outros significantes estão articulados entre si, de modo a formar uma cadeia ou uma rede de significantes. Assim, podemos ver que no discurso do mestre, o saber (S_2) ocupa o lugar do trabalho, do escravo, que, segundo Lacan, “invisivelmente, é que constitui um inconsciente não revelado, que dá a conhecer se essa vida vale a pena que se fale dela” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 31):

$$\frac{S_1}{\$} \quad \longrightarrow \quad \frac{S_2}{a}$$

Fonte: Lacan (1969-1970/1992, p. 12)

Segundo Miller (2005), nesse caso Lacan nos apresenta o simbólico sob outra perspectiva. Ao situar o saber (S_2) no lugar do trabalho do escravo ($S_1 \rightarrow S_2$), o significante se desloca da autonomia inicial para a heteronomia. Assim, passando a ser servo e não senhor, o simbólico se encontra “a serviço do gozo” (Miller, 2005, p. 178), este último estreitamente ligado à repetição e à memória. Vejamos.

O inconsciente permite situar o desejo, que constitui para Lacan (1969-1970/1992) o primeiro passo dado por Freud na articulação do inconsciente. Este passo se localiza em “A interpretação dos sonhos”, no qual Freud (1900/1996a) elabora a teoria do aparelho psíquico como aparelho de desejo, calcado na experiência de satisfação. Freud mostra que, num período da vida

de um bebê, existiria inicialmente um aparelho cujo esforço seria manter-se livre de estímulos, tanto quanto fosse possível, à semelhança de um aparelho reflexo, seguindo o princípio de que qualquer excitação sensorial que incidisse sobre ele poderia ser prontamente descarregada por via motora. Tal processo de funcionamento mental, conhecido como processo primário, é regido pelo princípio do prazer e tem como objetivo preservar o organismo de toda situação que cause o desprazer, configurado no aumento das quantidades de excitação. Ao mesmo tempo também visa à obtenção de prazer que advém com a descarga e a redução das excitações, mantendo um estado de homeostase (Freud, 1911/1996c).

Sabe-se, a partir disso, que quando o bebê sente fome, ele chora, grita, esperneia, visto que existe uma necessidade gerada por uma excitação interna que caminha para uma ação motora. A necessidade não cessa por si só a não ser através de um auxílio externo, comumente trazido pela mãe ao amamentar o bebê, fazendo cessar o estímulo desprazeroso. Assim, o grito possui para o bebê uma função de sinal ao Outro materno. Este último, ao fazer uma ação específica, fornece ao bebê um objeto para sua satisfação. Esse estado primitivo é o que Freud denomina como experiência de satisfação. Um componente desta experiência passa, então, a existir como percepção específica – por exemplo, a saciedade que se segue à fome. A partir da experiência de satisfação do bebê, fica registrada no sistema de memória (*Mnem*) a imagem mnêmica da percepção da nutrição fornecida pela mãe, associada ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade de alimento. Assim, todas as vezes que se desencadeia um estado de tensão, quando o repouso psíquico do bebê é abalado por necessidades internas, ocorre o reinvestimento de uma moção psíquica na imagem mnêmica da percepção que, outrora, proporcionou ao recém-nascido a experiência de satisfação. Freud chama de desejo (*Wunsch*) esse movimento de repetição de investimento das imagens mnêmicas da percepção de um objeto real que uma vez trouxera satisfação ao bebê, e nomeia de realização de desejo o reaparecimento dessa percepção. No entanto, a imagem mnêmica é reativada mesmo que a presença real desse objeto não ocorra, produzindo uma alucinação como um caminho mais curto à satisfação (Freud, 1900/1996a).

Essa primeira atividade psíquica, baseada no processo primário, teria como objetivo formar uma "identidade perceptiva" a partir do interior do aparelho, uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade, como algo que fosse idêntico à experiência de satisfação. No entanto, a experiência alucinada de satisfação frustra o bebê, uma vez que não põe fim à sua necessidade e faz persistir nele um estado de desprazer, que constitui um acontecimento traumático. Sabemos que, para que esse estado não persistisse, foi preciso que o aparelho psíquico se desenvolvesse e estabelecesse um critério de verificação da realidade que impedisse o processo de produção alucinatório. Esse outro princípio – o princípio da realidade – é, então, introduzido com o intuito de testar se as percepções são reais ou não. Assim, ele detém o processo de regressão, impedindo que ele se complete, de modo que o investimento não possa ser feito sobre a imagem mnêmica, mas

busque outros caminhos que levem ao estabelecimento de uma identidade perceptiva a partir do exterior do aparelho psíquico (Freud, 1900/1996a).

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905/1996b) retoma esta questão quando discute a pulsão parcial, definindo-a como a busca de um prazer apoiado num prazer já experimentado quando da primeira satisfação da necessidade. Ele a exemplifica com o ato de chupar o dedo com leite, determinado pela busca de um prazer já vivido e agora rememorado. No ato de chupar o dedo, os lábios da criança se comportam como uma zona erógena cuja sensação prazerosa se originou da satisfação que ela experimentou através da estimulação da mucosa oral conferida pelo “fluxo cálido de leite” na amamentação. Para Freud, “a atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas” (Freud, 1905/1996b, p. 171). Nesse sentido, conforme Cosentino (1992, apud Bernardes, 2003), a relação entre o impulso libidinal e a satisfação de uma necessidade diz respeito a uma marca mnêmica, ou seja, a uma identidade perceptiva que esta marca teria deixado, apontando uma tendência do aparelho a repetir a percepção ligada à primeira satisfação.

A vivência de satisfação vinculada à imagem do objeto que se perdeu, deixa, então, uma marca mnêmica no aparelho psíquico de tal maneira que introduz o sujeito no circuito pulsional, ao fazê-lo passar de um estado de necessidade para o de desejo, do grito à fala, à palavra, ao significante, marcando o corpo do vivente como ser falante (Bernardes, 2003). Pode-se dizer que a memória freudiana introduz uma dimensão não homeostática de prazer, de modo que o movimento que Freud denomina de desejo (*Wunsch*) se afasta dos propósitos biológicos, não dizendo respeito à necessidade e à adaptação da espécie. Lacan retoma, a partir do texto freudiano, a discussão sobre a repetição no ser falante, afirmando que nela não se trata de um efeito de memória no sentido biológico, mas do fato de que “a repetição tem uma certa relação com aquilo que, desse saber, é o limite – e que se chama gozo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 13).

No início de seu ensino, Lacan (1955/1998b) comentara que o princípio do automatismo de repetição estaria pautado no que ele designou como insistência simbólica da cadeia significante⁴. Por outro lado, o sujeito do inconsciente (\$) se situaria em uma *ex-sistência*, enquanto lugar excêntrico e vazio, lugar fora, não preso à cadeia simbólica (Miller, 2005). Ou seja, a estrutura de linguagem do inconsciente reduzida à cadeia significante ($S_1 - S_2$), produz um sujeito representado por um significante para outro significante (mensagem, sentido, significado). No entanto, nenhuma representação identificatória do sujeito nessa cadeia está completa. O sujeito é *ex-sistente* na medida em que ele nunca é completamente representado por essa cadeia, de forma que essa representação significante tende sempre a se repetir. Nesse sentido, conforme pontua Coelho dos Santos, “é por representar o irrepresentável que o significante abre-se à sua repetição, repetição cujo princípio é o fracasso em alcançar de modo completo a representação de que se trata” (Coelho dos Santos, 2016, p. 3).

No Seminário 7, *A ética da psicanálise*, Lacan afirma que “a estrutura da própria memória, [...] ela é feita de uma articulação significativa” (Lacan, 1959-1960/2008a, p. 267). Assim, o nascimento do sujeito reside em que o $\$$ seja *ex-sistente* à repetição, a essa articulação significativa (S_1-S_2), situando-se, portanto, no vazio intervalar, ou – no dizer de Lacan do *Seminário 11* – na hiância que se repercute na sequência da cadeia significativa. De modo que, “se a repetição é memória, o sujeito é esquecimento” (Miller, 2005, p. 180):

$$\frac{\text{Memória}}{\text{Esquecimento}} \quad \frac{S_1 - S_2}{\$}$$

Fonte: Miller (2005, p. 180)

No *Seminário 17*, Lacan retoma a função da *ex-sistência* do sujeito à insistência da cadeia significativa, mas aí ela não mais tratará de vazio, nem de anulação significativa. Como já foi visto, ela traz alguma coisa que se coloca resistente à anulação: o objeto *a*, que encarna o gozo como um resto inassimilável, que se situa para além do vazio. Sobre isso, Miller afirma que “o que é *ex-sistente* à insistência significativa não é simplesmente o nada, o vazio, a rasura. O que é *ex-sistente* é um resto de gozo” (Miller, 2005, p. 181). Assim, Lacan faz uma equivalência entre o sujeito *ex-sistente* e o gozo. O ser vivente, anterior ao Outro e à linguagem, é um ser gozante, um corpo afetado de gozo que se insere no aparelho significativo como um resto, um objeto perdido.

A própria função da repetição é a dialética que ela mantém com o gozo, isso que se encontra no limite do saber. O lugar de saber no discurso do mestre – posto um saber velado, um saber que não se sabe –, diz respeito ao funcionamento do inconsciente regido por algo mais do que o princípio do prazer. Ao construir o matema do discurso do mestre, Lacan concebe o termo S_2 como “o reino do significativo, o significativo repetido em dois níveis, S_1 e S_1 outra vez” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 84). Assim, o S_2 que constitui o campo do saber, consiste, na verdade, em uma repetição do S_1 , que mostra uma tendência à repetição da primeira experiência de satisfação que marcou o encontro com o objeto. Esse encontro constitui a própria motivação da repetição inconsciente que, se não reencontra o objeto perdido, pelo menos toca o gozo desse objeto: “a repetição aparece, de certo modo, como a memória do objeto perdido” (Miller, 2005, p. 182). Assim, quando S_1 se repete, ele não é mais S_1 e sim S_2 , pois se trata de uma repetição de gozo que implica, contudo, um reencontro com a falta de gozo. Como aponta Quinet, “essa repetição que não cessa forma a própria rede de significantes – eis o saber inconsciente (S_2), o qual se constitui, portanto, através da repetição do S_1 comemorando o gozo” (Quinet, 2009, p. 31).

O encontro fracassado com o objeto perdido aponta para a impossibilidade do gozo pleno, para uma perda inerente de gozo implicada na experiência original do sujeito. Para Lacan, o que entra no circuito da repetição só pode estar relacionado à perda na medida em que “na própria

repetição há desperdício de gozo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 48). Por isso Lacan recorre à termodinâmica e nos fala de uma entropia para se referir à perda de gozo que a repetição introduz. A entropia – lei da termodinâmica – consiste em que a perda de energia do universo tende a aumentar e nunca diminuir (Souto; D’Agord & Sgarioni, 2014). O gozo seria análogo a essa entropia, concebido como perda, como desperdício, enquanto efeito da repetição significativa através da qual “vemos aparecer a função do objeto perdido, disso que eu [Lacan] chamo *a*” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 50). A função do objeto *a* consiste, assim, naquilo que o sujeito reencontra nessa repetição, um suplemento da perda de gozo. De modo que a própria repetição significativa visa o gozo, cuja promessa de recuperação é malograda, como assinala Miller: “o gozo é representado pelo significativo e, ao mesmo tempo, essa representação não é exaustiva, ela é malograda, e é precisamente isso que condiciona a repetição” (Miller, 2000, p. 99).

Lacan faz aqui, como sugere Miller (2005), uma “sínfise” (junção) do significativo com o gozo. O desejo, assim como o gozo, aparecem como metonímicos, situando-se como “alguma coisa embaixo” da cadeia significativa, a correr sob ela. Esse lugar metonímico como lugar do intervalo consiste nessa *ex-sistência*, lugar que, tanto do ponto de vista do desejo, quanto do gozo, são distintamente referidos. Em relação ao desejo, trata-se do efeito do significativo que causa o sujeito, de forma que, do ponto de vista do significativo, obtém-se efeitos ao nível do desejo. Em relação ao gozo, o lugar da *ex-sistência*, trata-se de uma motivação da repetição significativa e de sua finalidade de recuperação malograda daquilo que se perdeu. Se no nível do desejo temos o significativo representando o sujeito para outro significativo, no nível do gozo, o objeto *a* encarna aquilo que aparece como elemento inassimilável e heterogêneo à repetição que ele condiciona (Miller, 2005).

Na definição freudiana da atividade psíquica de um investimento do traço mnêmico, já se pode encontrar uma leitura lacaniana da repetição de uma vivência de gozo, que implica em algo que se encontra para além do princípio do prazer (Lacan, 1969-1970/1992). No entanto, é em “Além do princípio de prazer” – texto freudiano de 1920 –, que Lacan localiza um segundo tempo concernente à repetição articulada ao gozo. Ao examinar os sonhos traumáticos, a repetição na transferência e os jogos infantis, Freud (1920/1996g) se questiona sobre como é possível que o aparelho psíquico, na medida em que é comandado pelo princípio de prazer – tendência a se manter livre dos estímulos –, esteja à procura de repetir situações que provoquem dor e desprazer. Em primeiro lugar, Freud constata uma tentativa de o aparelho elaborar a experiência traumática com o intuito de manter um controle sobre o estímulo excessivo. É o caso dos sonhos traumáticos recorrentes nas pessoas acometidas por neuroses de guerra e outras neuroses traumáticas. Nesse sentido, a função da repetição visa fazer uma “ligação” psíquica de energia livre com o intuito de passar a um domínio retroativo da situação traumática. Todavia, ao considerar a repetição na transferência, Freud (1920/1996g) constata que há uma tendência à compulsão à repetição inerente ao campo pulsional, que traz por si mesma uma satisfação que se encontra além do próprio princípio do prazer. Foi essa constatação clínica de uma compulsão à repetição que conduziu Freud a formular

a pulsão de morte como tendência à morte, ao retorno ao inanimado. É nesse sentido que Lacan vai se referir ao gozo como “o caminho para a morte” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 17):

É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita a repetição. Na medida em que há busca do gozo como repetição que se produz o que está em jogo no franqueamento freudiano – o que nos interessa como repetição, e se inscreve em uma dialética do gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular o instinto [pulsão] de morte. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 47)

O ponto de inflexão inaugurado pelo texto freudiano de 1920, e que interessa a Lacan, foi o fato de a descoberta freudiana ter, inicialmente, soletrado e escandido o inconsciente como um saber articulado, um saber não sabido pelo sujeito, mas que o desconcerta quando o sujeito o encontra. Após esse primeiro achado que consiste em que os sujeitos falem, e que ao falar tropecem, Freud é conduzido a descobrir que existe algo além do princípio do prazer cujo dado essencial ele constata na compulsão à repetição. Esta, não se trata de um recomeço, mas, segundo Lacan, denota “um traço na medida em que comemora uma irrupção do gozo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 81). Ao se referir à articulação de saber na cadeia significante ($S_1 - S_2$), Lacan destaca que, “basta darmos a esse traço unário a companhia de um outro traço, S_2 após S_1 , para que, sendo significantes também lícitos, possamos situar o que vem a ser seu sentido, por outro lado sua inserção no gozo, do Outro – disso pelo qual ele [o saber] é *o meio do gozo*” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 53, grifo nosso).

O traço unário ao qual Lacan se refere é o elemento da escrita que se encontra na origem do significante, em última instância, do saber pelo qual os analistas se interessam (Bernardes, 2003). Lacan o destaca para se referir à repetição como “identificação do gozo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 48). Sendo assim, tem-se tanto o sentido da repetição como busca de identidade perceptiva com a experiência de gozo, quanto o sentido de que aquilo que se repete, repete-se nos sulcos, nos trilhamentos criados pelos traços significantes da experiência de satisfação perdida (Bernardes, 2003). É assim que a repetição ligada ao traço unário é um saber que se origina com o significante, mas é também aquilo que constitui uma comemoração, um memorial de gozo. Com esse verbo *comemorar*, Lacan sintetiza bem a conexão existente entre o inconsciente e a satisfação pulsional, “na medida em que [o gozo] ultrapassa os limites impostos, sob o termo prazer, às tensões usuais da vida” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 50).

Importa ressaltar como Lacan passa a se referir ao significante como “aparelho de gozo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 50) e não como um elemento da estrutura de linguagem. Nesse sentido, enquanto aparelho de gozo, o significante é um saber que trabalha, mas que produz entropia, esse ponto de perda como único ponto regular por onde se tem acesso ao que está em jogo no gozo. Ponto no qual “se traduz, se arremata e se motiva o que pertence à incidência do significante no

destino do ser falante” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 53). Incidência que tem pouco a ver com sua fala ou com sua palavra, mas com “a estrutura, que se aparelha” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 53). Assim, o sentido que se estrutura como linguagem é efeito do significante que se aparelha como gozo. Através desse jogo de palavras que a língua francesa permite, Lacan vai apontar que “o ser humano, que sem dúvida é assim chamado porque nada mais é que o húmus da linguagem, só tem que se emparelhar [de *s'appareiller*, acasalar], digo, se apalavrar [*s'apparoler*, assonância com *parole*, palavra, fala] com esse aparelho [*appareil*]” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 53)⁵. Notemos aqui que a definição de húmus, à qual Lacan atribui o ser humano – húmus da linguagem –, tem a ver com resto, substância, uma vez que a palavra húmus denota algo que, no solo, trata-se de uma substância escura resultante da decomposição parcial pelos micro-organismos, de matérias vegetais e animais (Larousse, 2012). Acepção aproximada da noção de letra enquanto matéria, resto irreduzível e dejetivo (*litter*), como se poderá notar em desenvolvimentos posteriores.

Considerações finais

Nos anos 1960, Lacan avança em suas elaborações primeiras sobre o inconsciente. A clínica psicanalítica, nos anos 1950, mostrava-se muito marcada pela escuta da articulação significante do inconsciente, ponto que fundamenta o retorno de Lacan a Freud no início de seu ensino. É o momento da clínica do significante, do sentido a ser escutado na fala do sujeito em uma análise linguageira do trabalho do inconsciente, com as ferramentas da metáfora e da metonímia. Esse momento tem seu ápice no fim da década de 1950. Em que pese suas distorções, o trabalho de Laplanche e Ledaire, apresentado no VI Colóquio de Bonneval (1960) sobre o tema do inconsciente, é marcado por essa primeira clínica de Lacan. As ressonâncias desse congresso fizeram-se notar no *Seminário 11* (1964). Diante de uma tendência a tudo se interpretar na clínica, numa colocação de que estaria a interpretação aberta a todos os sentidos, Lacan coloca em questão o uso que então se fazia da interpretação analítica. Assim, ele vai além das matrizes estruturais do inconsciente e nos apresenta um inconsciente marcado pela pulsação temporal de uma hiância, um furo, um intervalo entre dois significantes. O sujeito é, assim, situado nesse vazio, nessa descontinuidade de onde escapam pontos de real subjetivados por uma estrutura temporal.

Caracterizado por bordas pulsativas, o inconsciente se aproxima da pulsão. Esta última não é mera articulação simbólica do inconsciente, metabolizada em termos de linguagem. A realidade do inconsciente é sexualidade que desfila ao funcionamento das cadeias significantes. Assim, tal como a pulsão, o inconsciente é homólogo a uma zona erógena de abertura e fechamento. Inconsciente e pulsão se articulam numa mesma comunidade topológica. As pulsões, sempre parciais, implicam em uma perda constitutiva do sujeito, por ele ser sexuado e não apenas efeito de linguagem. Em função de sua alienação ao campo do Outro, o sujeito perde uma parte de seu ser vivente, restando um objeto perdido, não significantizável, não inscrito na cadeia de linguagem: objeto *a*, que se

localiza nesse intervalo no qual o sujeito não só experimenta os efeitos de sentido dos significantes advindos do Outro, mas uma outra coisa além da significação.

Lacan conclui que, em um processo de interpretação analítica, sempre restará um ponto de vazio, irreduzível, *non sensical*, algo que não passa pelo reconhecimento do Outro, mas que anima o sujeito causando seu desejo. Ponto crucial, para o empreendimento de Lacan, de sua clínica do gozo, daquilo que o sujeito experimenta além dos efeitos do sentido de uma clínica do significante. Assim, quando ele adverte categoricamente que a interpretação não está aberta a todos os sentidos, isso quer dizer que, em última instância, existe uma fixação pela vertente do gozo encarnada pela pulsão. Fixação esta que reduz os significantes que apresentam o sujeito ao seu não senso, ao sem sentido dos significantes. O significante é, então, não apenas estrutura de linguagem, mas meio de gozo. Ou seja, o significante veicula o gozo, a satisfação da pulsão parcial onde o objeto *a* testemunha, na repetição, o reencontro do sujeito com um desperdício de gozo. A repetição é memória constituída de articulação significativa. Mas, como a repetição também visa um gozo que é malogrado e perdido, o inconsciente é memória de gozo.

O inconsciente se atrela à pulsão como memória de gozo. Gozo esse que atravessa a própria linguagem. Isso não será sem consequências para as elaborações lacanianas futuras sobre o inconsciente, a letra e a própria estrutura da linguagem enquanto secundária à dimensão assemântica e agramática daquilo que Lacan denominará *lalangue* (lalíngua). Assim, Lacan nos aponta um mais além do sentido em jogo na experiência analítica. Ou, como se refere Coelho dos Santos (2008), algo que é mais além do inconsciente estruturado como linguagem, pois toca na dimensão de real da pulsão. Dimensão que não se ordena pelas leis do significante, mas pelo real sem lei em jogo na clínica do gozo, que desponta, a partir de então, no ensino de Lacan.

A partir do que foi apresentado neste trabalho, considera-se que durante vários momentos de seu ensino, Lacan realizou uma escansão dos conceitos psicanalíticos. Tendo em vista o teste da clínica e, na medida em que esta interpela a teoria, fizeram-se necessários avanços no campo teórico da psicanálise. O que se propôs fazer neste estudo foi traçar, a partir de uma análise sincrônica, esse que podemos chamar de um segundo momento do ensino de Lacan sobre o inconsciente, pedra fundamental da psicanálise. Momento que não anula outros momentos de sua elaboração teórica sobre o inconsciente, mas especifica um avanço importante e complexo da obra de Lacan. Obra, por sinal, inacabada, e que até hoje convoca o clínico e o pesquisador da psicanálise à transferência de trabalho que tanto atravessa a clínica pelo desejo do analista, quanto à teoria pelo desejo de saber.

Notas:

¹ Este artigo se baseia em uma pesquisa de mestrado intitulada *Jacques Lacan: o inconsciente, do sentido do significante ao gozo da letra – Um estudo teórico*, defendida em 2015, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Estudos Psicanalíticos) da UFMG, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Maria Rosa Vieira Luchina.

² Aristófanes, dramaturgo e comediante grego que figura entre os personagens do diálogo platônico *O Banquete*. O mito de Aristófanes, tratado nesta obra, faz referência à história da natureza humana constituída inicialmente por uma unidade e sua posterior divisão por Zeus: "É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós portanto é uma tésseira complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento" (Platão, 1991, p. 60).

³ Em "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", Lacan afirma que o discurso do sujeito é o falar através dos símbolos do sintoma, uma vez que o sintoma também é uma fala à espera de ser dita: "Para liberar a fala do sujeito, nós o introduzimos na linguagem de seu desejo, ou seja, na linguagem primeira, na qual, para além do que ele nos diz dele, ele já nos fala sem saber. E, principalmente, nos fala os símbolos do sintoma" (Lacan, 1953/1998a, p. 294).

⁴ Em "O Seminário sobre A carta roubada", ao comentar sobre o automatismo de repetição, Lacan diz que ele consiste na insistência da cadeia significante própria do simbólico. A insistência tem seu correlato na *ex-sistência*, termo criado por Lacan para designar um lugar excêntrico, onde convém situar o sujeito do inconsciente representado por significante (Lacan, 1955/1998b).

⁵ "No original: "L'être humain... qu'on appelle ainsi sans doute parce qu'il n'est que l'humus du langage [Rires] ...n'a qu'à s'apparoler à cet appareil-là" (Lacan, 1969-1970/2009, p. 65).

Referências Bibliográficas

- Bernardes, A. (2003). *Tratar o impossível: a função da fala na psicanálise*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Brousse, M.-H. (1997). A pulsão I. In R. Feldstein; B. Fink & M. Jaanus (Org.) *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Coelho dos Santos, T. (2002). Seminário de Pesquisa: Paradigmas do último ensino de Lacan. Rio de Janeiro: Sephora/ UFRJ. Recuperado de http://www.isepol.com/down_pos/livro_paradigmas_lacan.pdf.
- Coelho dos Santos, T. (2008). Sobre os finais de análise: sexualização e invenção. *Tempo Psicanalítico*, 1(40), 105-120. Rio de Janeiro. Recuperado de <http://www.spid.com.br/revistas/r40/07%20TP40%20%20Tania%20Coelho%20dos%20Santos.pdf>.
- Coelho dos Santos, T. (s.d.). Sobre o gozo: verbete do laboratório de ensino. *Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana* (Isepol). Recuperado de http://www.isepol.com/sobre_o_gozo.html.
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago (Texto originalmente publicado em 1900).

- Freud, S. (1996b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago (Texto originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1996c). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago (Texto originalmente publicado em 1911).
- Freud, S. (1996d). A dinâmica da transferência. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago (Texto originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (1996e). Os instintos e suas vicissitudes. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago (Texto originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1996f). História de uma neurose infantil. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Texto originalmente publicado em 1918).
- Freud, S. (1996g). Além do princípio de prazer. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago (Texto originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1996h). A dissolução do complexo de Édipo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago (Texto originalmente publicado em 1924).
- Harari, R. (1990). *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. Campinas: Papyrus.
- Houaiss, A. & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Janus, M. (1997). A desmontagem da pulsão. In R. Feldstein; B. Fink & M. Janus (Org.) *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Texto originalmente publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998b). O seminário sobre a carta roubada. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Texto originalmente publicado em 1955).
- Lacan, J. (1998c). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Texto originalmente publicado em 1957).
- Lacan, J. (1998d). Posição do inconsciente no Colóquio de Bonneval. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Texto originalmente publicado em 1960).

- Lacan, J. (2003). Radiofonia. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Texto originalmente publicado em 1970).
- Lacan, J. (2008a). *O seminário livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008b). *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1964).
- Laplanche, J. & Leclaire, S. (1969). O inconsciente: um estudo psicanalítico. In H. Ey. (Org.) *O inconsciente: VI Colóquio de Bonneval*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Larousse. (2012). *Le petit Larousse illustré 2013*. Paris: Larousse.
- Laurent, É. (1997). Alienação e separação. In R. Feldstein; B. Fink & M. Jaanus (Org.) *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J.-A. (2003). O último ensino de Lacan. *Opção Lacaniana – Revista brasileira internacional de psicanálise*, (35), 6-24. São Paulo: Eólia.
- Miller, J.-A. (2005). *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J.-A. (2010). Lo real del inconsciente. *Conferencias porteñas: tomo III desde Lacan*. Buenos Aires: Paidós (Texto originalmente publicado em 1999).
- Miller, J.-A. (2011). *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós.
- Pissetta, M. A. A. M. (2012). Inconsciente e transferência: perspectivas na clínica. *Estud. psicol.*, 1(29), 95-103. Campinas. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n1/a11v29n1.pdf>.
- Platão. (1991). O banquete. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.
- Quinet, A. (2009). O campo do gozo e seus discursos. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Soler, C. (1997). O sujeito e o Outro. In R. Feldstein; B. Fink & M. Jaanus (Org.) *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Souto, L. A. S.; D'Agord, M. R. L & Sgarioni, M. M. (2014). Gozo e mais-de-gozar: do mito à estrutura. *Clínica & Cultura* 1(3), 34-44, Alagoas. Recuperado de <http://www.seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/download/644/2508>.
- Zucchi, M. A. (2007). *O destino da anatomia: o inconsciente e sua relação com o corpo nos sintomas contemporâneos*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, UFRJ, Rio de Janeiro.

Citação/Citation: Cordeiro, E. F. & Luchina, M. R. V. (nov. 2016 a abr. 2017). O inconsciente: pulsação e memória de gozo – um estudo lacaniano. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(23), 70-98. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n23p70-98.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 24/11/2016 / 11/24/2016.

Aceito/Accepted: 18/12/2017 / 12/18/2017.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.